

Pedro de Albuquerque Oliveira

Revoltas populares no cordel

Ilustrações de Naiara Gramacho



PEDRO DE ALBUQUERQUE OLIVEIRA

REVOLTAS POPULARES NO CORDEL

2021, Pedro de Albuquerque Oliveira

Todos os direitos reservados

Ilustrações: Naiara Gramacho

O48 Oliveira, Pedro de Albuquerque
Revoltas populares no cordel [livro eletrônico] /
Pedro de Albuquerque Oliveira; ilustração Naiara
Gramacho. – Ilhéus, BA: Teatro Popular de Ilhéus,
2021.
1,78 MB ; PDF.

ISBN: 978-65-89627-02-9

1. Literatura de cordel. 2. Literatura de cordel
brasileira. 3. Poesia popular brasileira. 4. Brasil –
História. I. Gramacho, Naiara. II. Título.

CDD 398.5

Elaborado por Quele Pinheiro Valença CRB 5/1533

Teatro Popular de Ilhéus - Editora
Avenida Soares Lopes, s/n, Cidade Nova
Cep.: 45.653-005 | Ilhéus-Bahia
(73) 4102-0580
tpilheus@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

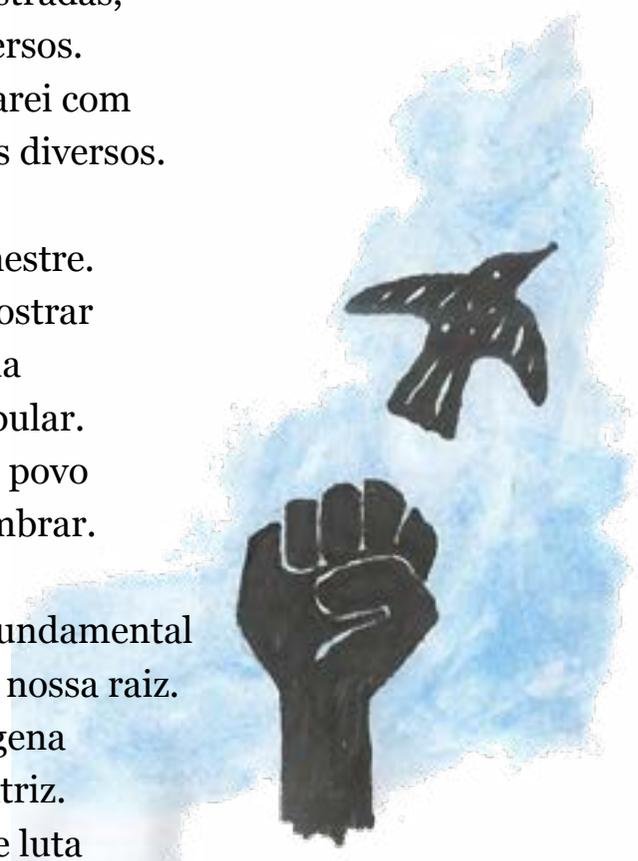
O cordel surgiu para mim
Como uma noite de luar.
De uma beleza raiz.
Magia de imaginar.
Servia pra tanta coisa
Que eu nem consigo citar.

Serviu pra poder aprender,
Com Gilton¹ e com Azulão²,
As artes de fazer rima
Com raça e com diversão.
Na métrica bem versada
No canto de declamação.

Já fazem catorze anos
Que escrevo esses versos.
Caminhei pelas estradas,
Viajei meus universos.
Também me deparei com
Mestras e mestres diversos.

Agora me sinto mestre.
Um amigo a te mostrar
A beleza do poema
Dessa cultura popular.
Trago revoltas do povo
Pra gente se relembrar.

Lembrar é, sim, fundamental
Quando sabemos nossa raiz.
Sangue afro-indígena
Pele negra é a matriz.
Trago histórias de luta



Pois lutar é força motriz.

Poder ancestral nos une
Como povo brasileiro.
Ação colonial nos pune.
Escraviza por inteiro.
Liberdade é conquista
Do direito verdadeiro.

Trago histórias versadas
Passadas no chão do Brasil.
Conto memórias de sangue
De gente que não desistiu
Da vida liberta no mundo
Sem um dono ou senhoril.

Falo de muitas histórias
Passadas no mar, na terra...
Não tenha medo de ler
Mesmo quando fale de guerra.
Somos frutos do passado
E a vida não se encerra.

Se arte é vida, também,
Mantenho a arte viva.
Peço que ela revele
A força sempre ativa
Do povo raiz brasileiro
Que luta na defensiva.

Boa leitura eu desejo.
Depois estudo profundo
Sobre os fatos narrados
E outros fatos do mundo.
REVOLTAS POPULARES NO CORDEL
É campo fecundo.





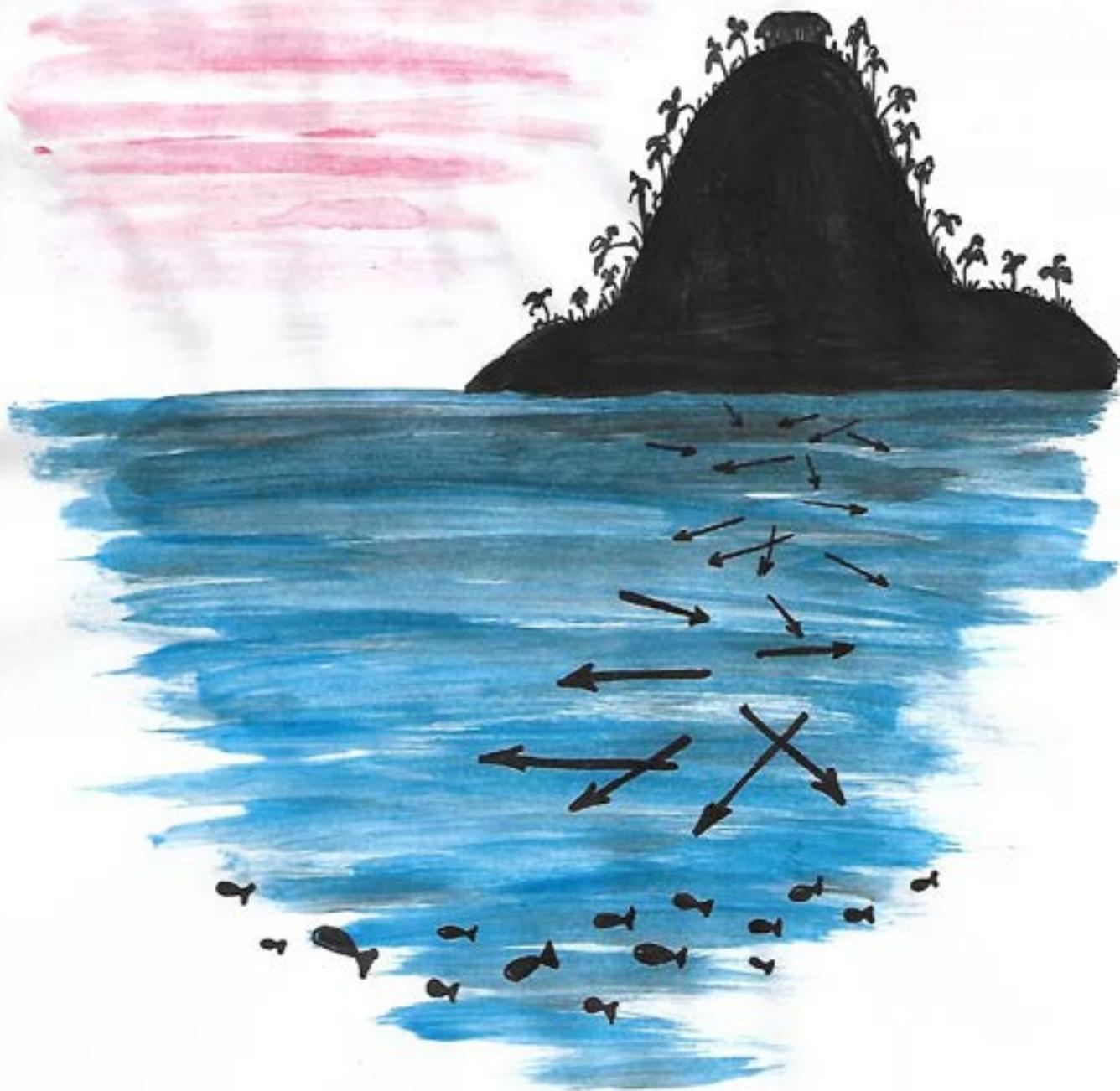
Parte I
Histórias do período colonial



Capítulo 1

1ª Guerra da Bahia

- Massacre Tupiniquim -

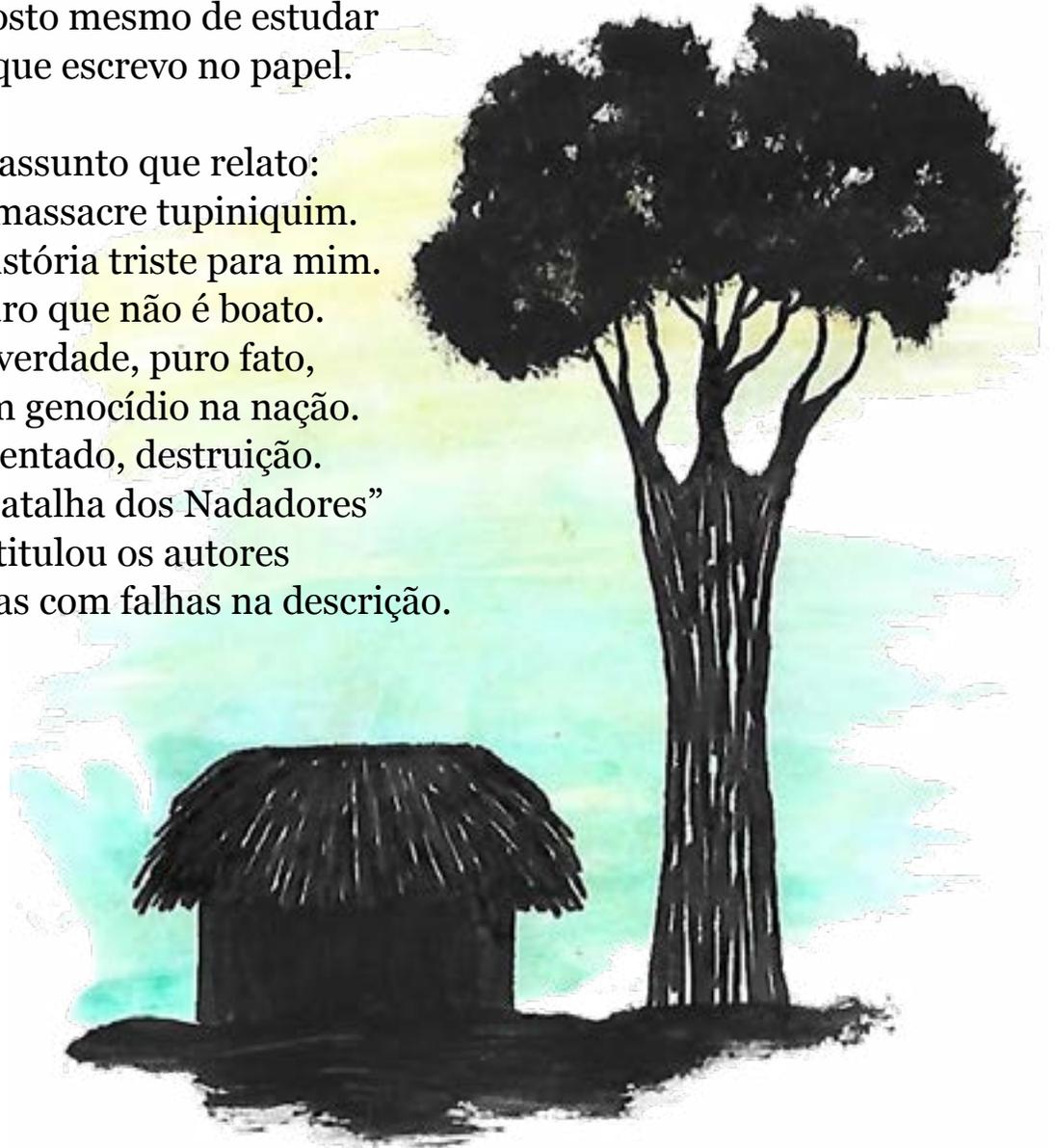


CAPÍTULO 1

- 1ª Guerra da Bahia (Massacre Tupiniquim)³ -

A história é contada
por vencidos e vencedores.
Por uns historiadores
uma parte é ocultada.
Eu, que não escondo nada,
verso tudo com o cordel.
Estilo vate, menestrel,
sou um poeta popular.
Gosto mesmo de estudar
o que escrevo no papel.

O assunto que relato:
o massacre tupiniquim.
História triste para mim.
Juro que não é boato.
É verdade, puro fato,
um genocídio na nação.
Atentado, destruição.
“Batalha dos Nadadores”
intitulou os autores
mas com falhas na descrição.



Vamos então ao contexto.
Ao início da história
dessa nossa trajetória
que trago hoje no texto.
Portugal com o pretexto
de que em nome de Deus
ia catequisar os ateus,
hereges do novo mundo,
feriu de modo profundo
esse povo de reis plebeus

A cultura dos nativos,
próspera e muita rica,
é do tipo ninguém fica
sem comida, donativos.
Tudo é em coletivos.
Coisa boa de observar.
Porém pensa só em lucrar
a cultura portuguesa.
Acúmulo de riqueza
o desejo a imperar.

Pois nesse choque cultural
alianças foram feitas.
Apaziguadas treitas.
Brigas? Algumas, casual.
Mas, como era natural,
a ambição, a maldade,
egoísmo e vaidade
presente no ser-humano
foi em um solo baiano
que se deu perversidade.

Um fazendeiro bem duro
matou um filho da terra.
O destino foi a guerra
perto de Porto Seguro.

Qualquer cerca, qualquer muro
que estivesse na frente
ia abaixo prontamente.
Assim foi até a vila.
Os tupiniquins em fila
revoltados fortemente

cercaram toda região
de São Jorge dos Ilhéus.
Desataram os sete véus.
Enfrentaram ingratidão.
Era pânico, confusão.
Muita casa foi queimada.
Fazenda foi saqueada.
E em solo brasileiro
foi do alto dum outeiro
que vitória tava dada.

De um lado os nativos
da nação tupiniquim.
Do outro, bem perto do fim,
uns poucos portugueses vivos.
Foi quando barcos altivos
do governador Mem de Sá
vieram pro lado de cá
de Ilhéus e seu domínio
começar o extermínio
causando assombro de lá.

Tribos inteiras queimadas.
Canhões destruindo tudo.
Tupã chega ficou mudo:
Mulheres esquartejadas,
crianças assassinadas.
Um caótico retrato.
Rastro de fogo no mato.
Genocídio aconteceu.
Toda multidão que morreu

resultou por fim num trato.

Quem sobreviveu aceitou
a fé do branco imposta.
Em uma légua de costa
repleta de corpos ficou.
Um mundo de mortos restou
neste conflito desigual
celebrado em ritual
até hoje em Olivença.
Memória não há quem vença
em uma tradição oral.

A pólvora contra a lança.
Navios contra as canoas.
Traições nunca são boas
mas a justiça avança
quando povo não se cansa
lutando até a morte.
Sempre nadando bem forte
como povo tupiniquim.
Vem um dia chega ao fim
a nossa falta de sorte.

O massacre que eu contei
foi maldade portuguesa.
Os nativos, sem defesa
contra os súditos dum rei
de um país que eu nem sei
o cheiro ou a amplidão,
sofreram a escravidão
e massacre de todo tipo.
Mas também me anticipo
contra a colonização.

O processo do assalto
ao país como colônia
segue sem cerimônia.
Mas povo dá sobressalto.
Vive entre baixo e alto
escapando das mazelas.
Eliminando as querelas.
Seguindo sempre em frente.
Pois história dessa gente
é voar dessas cancelas.



Capítulo 2

Palmares



CAPÍTULO 2

- Palmares⁴ –

A história de Palmares
deve ser bem conhecida.
Força que emana vida.
Canto de muitos lugares.
Zumbi, Dandara... Palmares.
Se nunca ouviu atenção.
Aqui trago uma lição
sobre tática de guerra.
Mira que nunca erra.
Caminho de evolução.

Soube que formou Palmares
um conjunto de quilombos
com negros de fortes lombos
marcados pelos lugares
(fazendas, navios, altares).
Tratados como escravos.
Nas mãos algemas, cravos.
Rendidos, porém vivendo.
Tal povo que vai sofrendo
sonhando menos agravos.

Logo que teve início
a tal da colonização
europeia, por ambição,
no Brasil deu-se suplício.
Escravidão virou um vício.
Bom lucro comercial.
Com rota pra frota naval,
de África veio milhões.
Pessoas de muitas nações

que vinham prevendo o mal.

Quarenta dos que chegaram
escravos pelo Recife
tiveram banca, cacife,
pra lutar e sim, lutaram.
Numa vila mataram
todos os brancos do lugar.
Fugiram pra aquilombar
lá na Serra da Barriga.
Isso é que mais intriga:
O tamanho desse lugar.

Um mundo de território
maior que muitos países.
Um Lugar de diretrizes
que exército notório
foi tema de falatório
até na corte portuguesa.
Assustou a realeza
os feitos desses quarenta
que logo eram setenta
mil fugidos da tristeza.

Juntou tanta gente ali
no século XVII
que logo virou manchete
(muito antes de zumbi).
Conto como sei e ouvi,
ou li por esses meses.
Enquanto os holandeses
disputavam Pernambuco,
o povo ficou maluco
e fugiu diversas vezes.

Escapuliram pro quilombo
na região das alagoas.
Terra de ramagens boas.
Na subida alguns tombos.
Crianças iam nos lombos.
Os mais velhos carregados.
Outrora amordaçados
buscavam por liberdade.
Acreditavam com verdade
nos negros aquilombados.

Muitos líderes reinaram
nos quilombos de Palmares.
Dois nomes em patamares
históricos se marcaram.
Foram os que chefiaram
Angola Janga⁵ no final,
sob forte ataque brutal:
Ganga Zumba e Zumbi.
Mas sei não acaba ali
pois Palmares é imortal.

Importante é ressaltar
o papel dado à Dandara.
Liderança tipo rara.
Qualidade no guerrear.
O nome pra representar
toda mulher quilombola.
Desde Nzinga⁶, de Angola
à Mariele⁷ presente.
Mulher também é valente
contra qualquer gaiola.

Zumbi não lutou sozinho.
É certo que foi um herói.
O pensamento se constrói

lutar é melhor caminho.
Indico nunca sozinho.
Valiosa é união.
Esse cordel de saudação
irriga conhecimento.
Rabisco no firmamento
a história dessa nação.

Aqui é só um relato.
Um cheiro dessa história.
A pesquisa é a glória
da busca por esse fato.
Busque ter algum contato
com os livros desse tema.
Estudar não é problema.
Difícil é ficar vivo
popular, alternativo
combatendo o sistema.

Quilombos seguem vivendo
na consciência nacional.
De qualidade ancestral,
Palmares é dividendo.
Nunca se rendendo
contra toda a opressão.
Sua luta é uma lição
de como se defender
do racismo e do poder
dos que comandam essa nação.



Capítulo 3



Engenho de Santana

- Tratado de paz -



CAPÍTULO 3

- Engenho de Santana – Tratado de paz⁷ –

A busca por liberdade
habitou todo o país.
Também habitavam os vis
no campo e na cidade.
Com muita sagacidade
o povo sempre resistiu.
Quem não soube ou ouviu
de uma luta popular?
Uma agora vou versar
como quem viveu ou viu.

Foi na terra grapiúna
esse fato que eu conto.
Em Ilhéus exato ponto.
No sul, caminho de Una.
Bem distante de Itabuna.
No engenho de Santana.
Preto velho não engana,
açúcar dava dinheiro.
Cacau era forasteiro
e ouro era a cana.

Pois nesse engenho dito
os escravos trabalhavam.
Os feitores os forçavam
com pau e muito grito.
Além de cobra, mosquito
e aquela escravidão
ainda tinha opressão
e violência sem parar.

Resolveram se rebelar
todo o povo em questão.

Instrumentos da fazenda
em armas foram virados.
Feitores assassinados.
Uma guerra sem emenda.
E pensar que a contenda
tem mais de duzentos anos.
Muitos quilombos baianos
na luta se inspiraram.
Negros se aquilombaram
e causaram muitos danos.

Esse conflito perdurou
por muito tempo ali
e pelo que eu conheci
na verdade nunca parou.
Mas um tempo apaziguou
e um acordo tratado
depressa foi assinado
pedindo a paz na guerra,
alguns direitos na terra
e um ser alforriado.

O líder, Gregório Luís,
foi quem teve alforria.
Com isso ele poderia
circular todo o país.
Articular outra matriz,
ampliar com o debate
que em negro não se bate
mas traição aconteceu.
A polícia apareceu
pondo fim nesse embate.

Gregório então foi preso.
Outros tantos foram também.
Heróis do passado além
que caíram em desprezo.
Carregaram todo peso
nas costas chicoteadas.
Fugiram pelas estradas
alguns outros sem desistir
pelo direito de sorrir
e por terras desejadas.

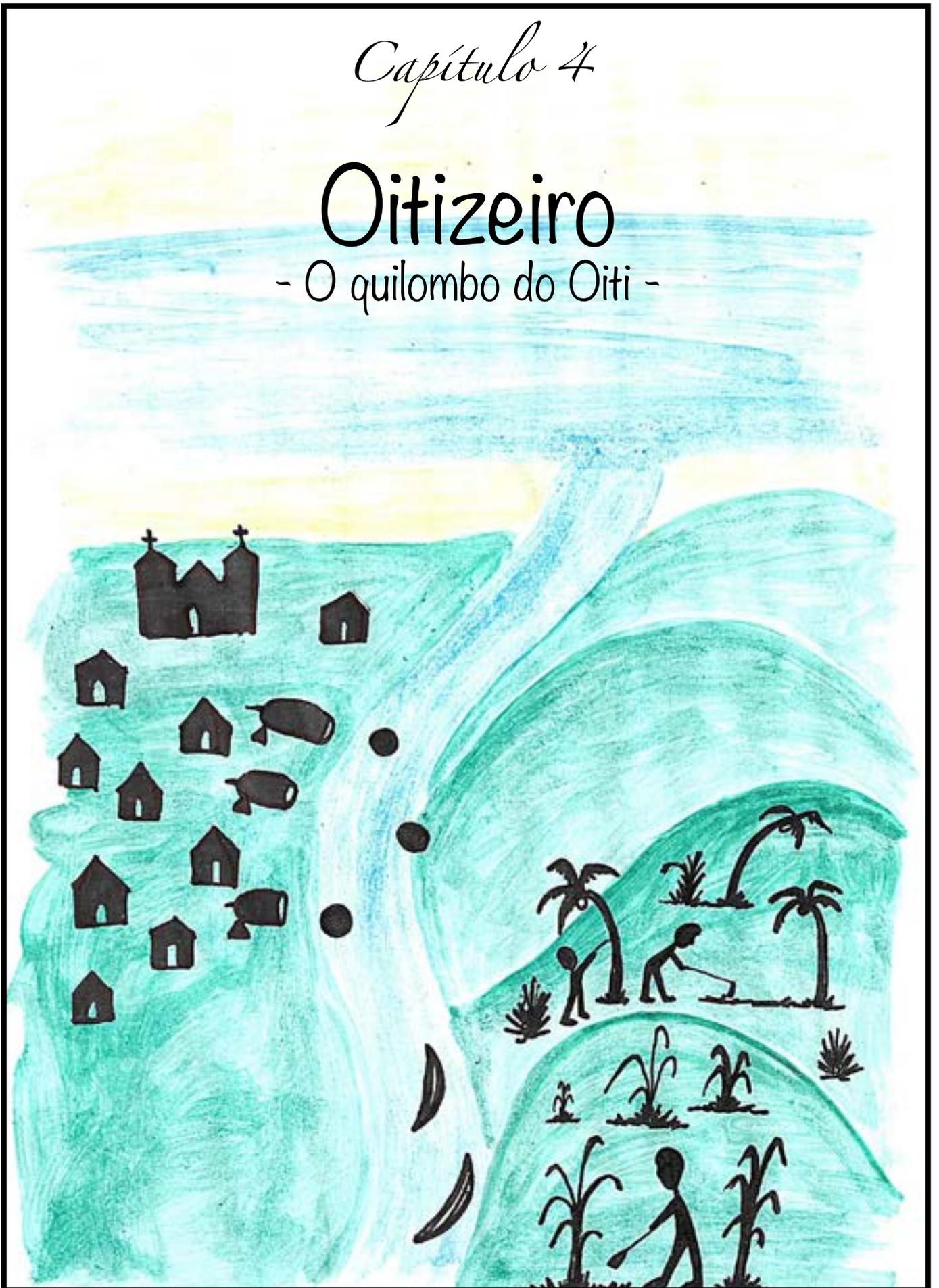
Hoje, no Rio do engenho,
luta por terra prevalece.
Pros nativos mando prece.
Acredito com empenho
que por onde vou e venho
liberdade irá reinar,
boa terra frutificar
e a justiça, muito forte,
será um guia tipo o Norte.
Assim posso acreditar.



Capítulo 4

Oitizeiro

- O quilombo do Oiti -



CAPÍTULO 4

- Oitizeiro (O Quilombo do Oiti⁸) -

Tal qual Palmares de Zumbi
e Dandara a guerrear
hoje venho aqui contar
sobre o quilombo do oiti.
Até hoje existe ali
pertinho de Itacaré.
Se não sabe onde é
pergunte a quem conhece
pois o lugar é a prece
de quem quer sentir o axé.

Por mais de trezentos anos
o quilombo sobrevive.
O povo que por lá vive
realiza muitos planos.
Fugindo dos maus enganos
desde século XVII.
Muito antes do disquete,
do cd e do dvd.
Até que dá gosto de vê
após 2017.

Negros bantos de Angola
logo assim que chegaram
fugiram, se rebelaram,
montaram até escola.
Este velho não enrola
sabe bem o que relata.
Com os nativos da mata
conheceram todo lugar.



Quem quiser que vá pesquisar
pois até livro retrata.

Montaram no Rio de Contas,
na Barra, em São José
(Onde hoje Itacaré),
grupos de boas afrontas.
Cercaram todas as pontas,
protegeram todo local.
Resistiram bem, afinal,
e o comércio prosperou.
Boa produção negociou
até mesmo na capital.

Plantavam e colhiam.
De canoa navegavam.
Os números aumentavam
dos negros que lá viviam.
Pessoas livres sorriam
mas explico como se fez,
em 1806,
o Oiti com mais de cem anos,
muitos quilombos baianos
sofreram de uma só vez.

Um governador ordenou
que tropas fossem mandadas
por quase todas estradas
e muitos quilombos matou.
Mas a luta continuou
e o oiti, atacado,
de oitizeiro chamado,
fez-se exemplo na guerra.
Dispersou pela terra
o povo aquilombado.

Depois com muito cuidado
foram voltando aos poucos.
Deixaram inimigos loucos
com estratégias e brado.
Até hoje o recado
é mandado ao planeta:
tem força a gente preta
que vive em liberdade!
Tendo coletividade
não há rival que se meta.

No país muitos quilombos
por negros foram formados.
Guerreiros articulados
cansados de tantos tombos.
Ganância cria os rombos
(não só na economia).
Humanidade, quem diria,
segue em segundo plano.
E, se falo, não engano:
Luta segue todo dia.



Capítulo 5



Revolta dos Alfaiates

- Conjuração Baiana -



CAPÍTULO 5

- Revolta dos Alfaiates⁹ (Conjuração Baiana) -

Revolta dos Alfaiates
(ou Conjuração Baiana)
foi o povo com gana
de partir para os combates.
Motivos? Vários embates:
Colonização, pobreza,
escravidão, avareza.
Fins do século XVIII,
em um sete nove oito¹⁰
o povo contra a nobreza.



Revoltosos desejavam
o fim da dominação
(portuguesa e escravidão).
República almejavam.
Com panfletos divulgavam
ideias de liberdade
nas igrejas da cidade
e nas praças de Salvador
irritando governador
(Que manteve autoridade).

Entre os participantes
estavam alguns pedreiros,
alfaiates, sapateiros,
muitos soldados errantes.
Negros livres radiantes
sonhavam com igualdade
e, também, fraternidade
no ensejo de libertar

a camada mais popular
da colonialidade.

A repressão, violenta,
aconteceu no mesmo ano.
Foi assim, se não me engano:
a multidão, desatenta,
com medo de quem enfrenta
o poder que a humilha,
delatou como quadrilha
os líderes da revolta.
Governador com escolta
foi no encalço da trilha.

Mais de trinta foram presos.
Todos eles processados.
Os mais pobres condenados.
Já os mais ricos, ilesos.
Entretanto quatro presos
sentenciados à morte
marcaram a própria sorte
entrando para história.
Tiveram a trajetória
envolta de muito corte.

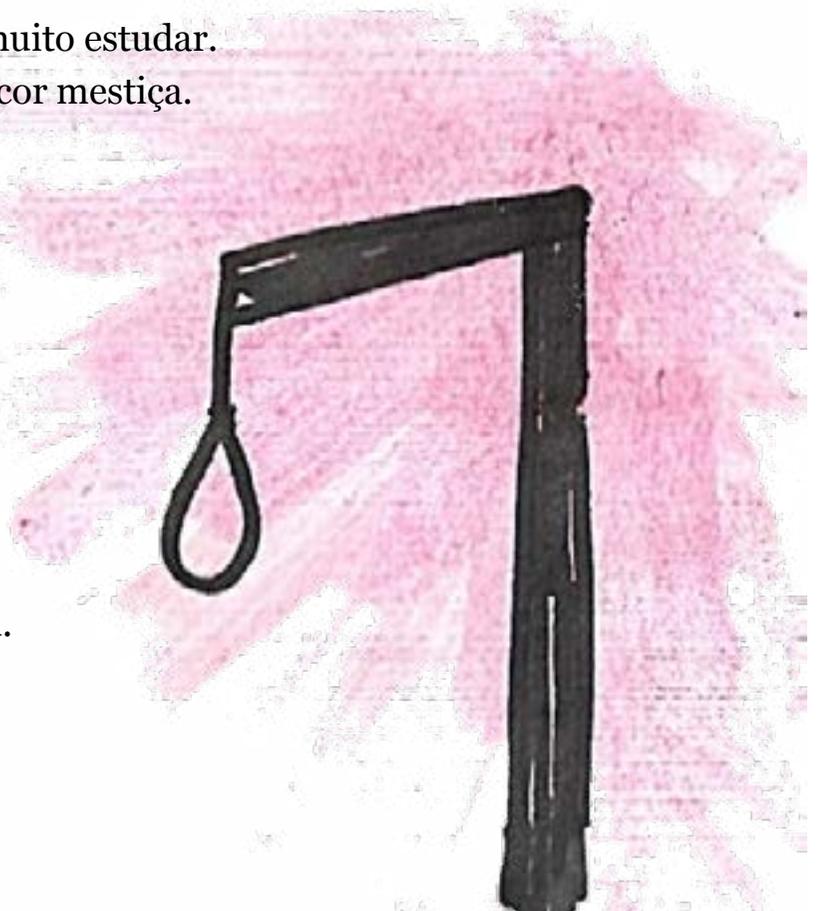
Esses quatro, esquartejados
depois da forca sofrerem,
além de mulatos serem
eram líderes honrados.
Alfaiates e soldados.
Dois de cada profissão.
Manuel Faustino e João.
Lucas Dantas e Gonzaga
(de quem narrarei a saga
com pouco mais dedicação).

Luís Gonzaga, soldado,
foi o mentor do conflito.
Cansou de prender o grito.
Com panfleto divulgado,
ele foi o mais apontado
como líder dos protestos
por conta dos manifestos
que escrevia e lia
pelas praças da Bahia
em bom som e altos gestos.

Soldado de regimento
desertor e insubmisso.
Inconformado e, por isso,
ao Brasil sempre atento
(Terra de tanto sofrimento
Com tamanha injustiça).
Um daqueles que atíça
a população a lutar.
Gostava muito estudar.
A pele de cor mestiça.

Ficou conhecido demais
por ser intelectual
além do parco cabedal
(riqueza não teve jamais).
Desejava pro povo mais
liberdade, revolução...
É possível ter conclusão
de que tudo aconteceu
conforme pensamento seu.
Seus desejos e ambição.

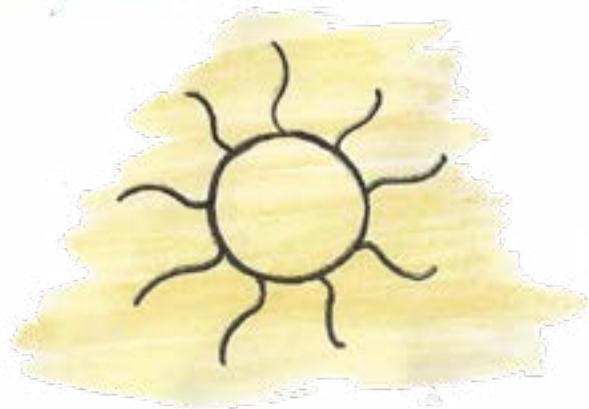
Causas sempre legítimas
(todas hoje conquistadas).
As sementes lá plantadas,



semeadas por vítimas,
como brisas marítimas,
com tempo circulam mundo
(Pensamento bem profundo).
Conquistas chegam pro povo
que tende lutar de novo
contra domínio infundo.

Os métodos violentos
de repressão colonial
do sistema oficial,
em diferentes momentos,
conforme narram documentos,
deixaram amedrontada
a nação agrilhoada.
Mas nunca matou o sonho
de vencer o mal medonho:
A elite vil armada.



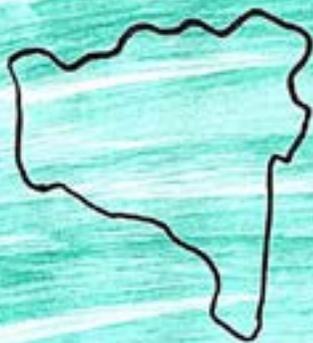


Parte 2

Histórias do Império e da República



Capítulo 1



Independência da Bahia



CAPÍTULO 1

- Independência da Bahia -

A Bahia foi, por vezes,
palco de muitas batalhas.
Espaço de muitas falhas.
Território de burgueses.
Colônia de portugueses
desde a tal “descoberta”.
Mistura de gente esperta
frutos da miscigenação.
Conto nesta minha versão
quando ela foi liberta.

A data foi 2 de julho
(todo ano comemorada).
História não apagada
dos baianos com orgulho.
Depois de muito barulho
houve a independência.
Com doses de violência
e de esforço popular.
Viaje no que vou narrar
usarei de coerência.

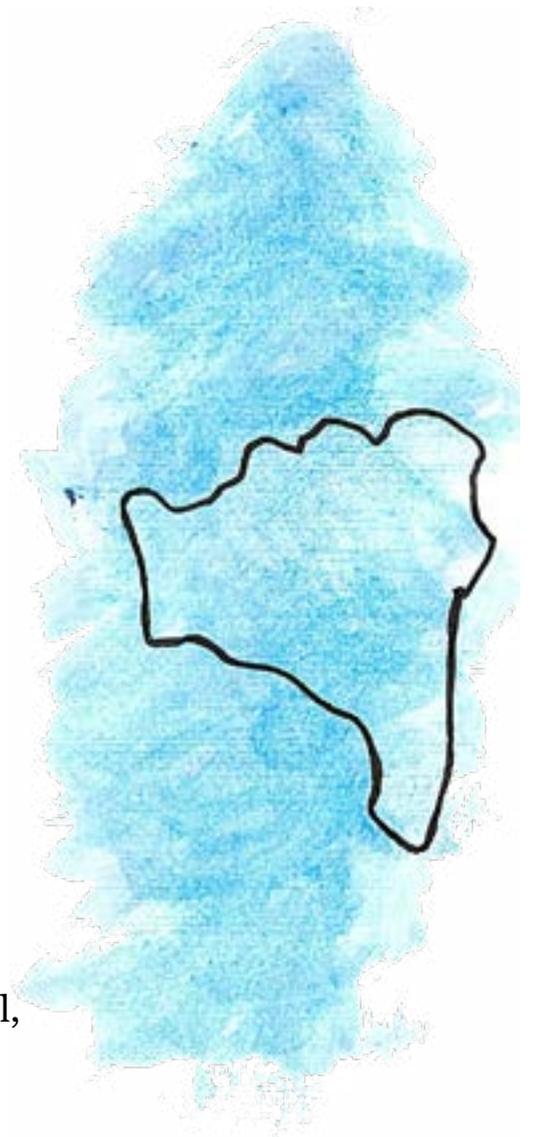
O mundo todo passava
por muitas transformações.
Revoltas e rebeliões
nesse período já dava
pra entrever que rolava
a chama da revolução.
Ocorreu a proclamação
dia sete de setembro

e, se ainda me lembro,
não passava de ilusão.

Quando Dom Pedro Primeiro,
filho do rei de Portugal,
deu o grito oficial
como líder brasileiro
o chão do país inteiro
tremeu com a alegria
(no entanto a euforia
durou um tempo pequeno).
Portugueses, no veneno,
juntaram-se na Bahia.

Preparavam-se pra guerra.
Aquartelaram-se no forte.
Veio pro sul, do norte,
um grupo de outra terra
(Portugal e Inglaterra)
não importa quem viesse.
O povo que mais merece
comemorar liberdade
com toda baianidade
guardo em minha prece.

Querido povo baiano,
lutador até o final.
Por terra e água o mal
sofreu baixa, teve dano.
Exército lusitano
voltou lá pro continente
mas antes, infelizmente,
lutou no norte e no sul.
Perdeu no mar, sob céu azul,
e desistiu finalmente.



O povo, muito contente,
comemora desde então,
a sua libertação,
quebra de toda corrente.
Liberdade a toda gente.
Mas a luta continua.
Pois quem anda pela rua
sabe o que acontece
nas garras que o mal tece
seja no Sol ou na Lua.

1823,
no dia 2 de julho,
foi a data que o orgulho
do nosso povo se refez.
Não seria sem os reis
e rainhas da história
que nos enche com a glória
do mais alto e bom valor.
Por isso lhe peço favor
guarde na sua memória

nomes de gente valente
pra uma pesquisa futura.
Pessoas dessa cultura
do dendê e do oxente.
Sempre na linha de frente:
Luís Lopes, corneteiro,
representante brasileiro,
como Felipa e Quitéria
Marias, sem pilhéria.
Heroínas no terreiro.

Os mártires são lembrados
Daniel Lisboa, capelão,
Joana Angélica, que são

por golpes atravessados.
Negros escravizados.
Caboclos de sangue forte.
Baianos de sul a norte,
mulheres, homens, crianças
construíram alianças
sem temer, sequer, a morte.

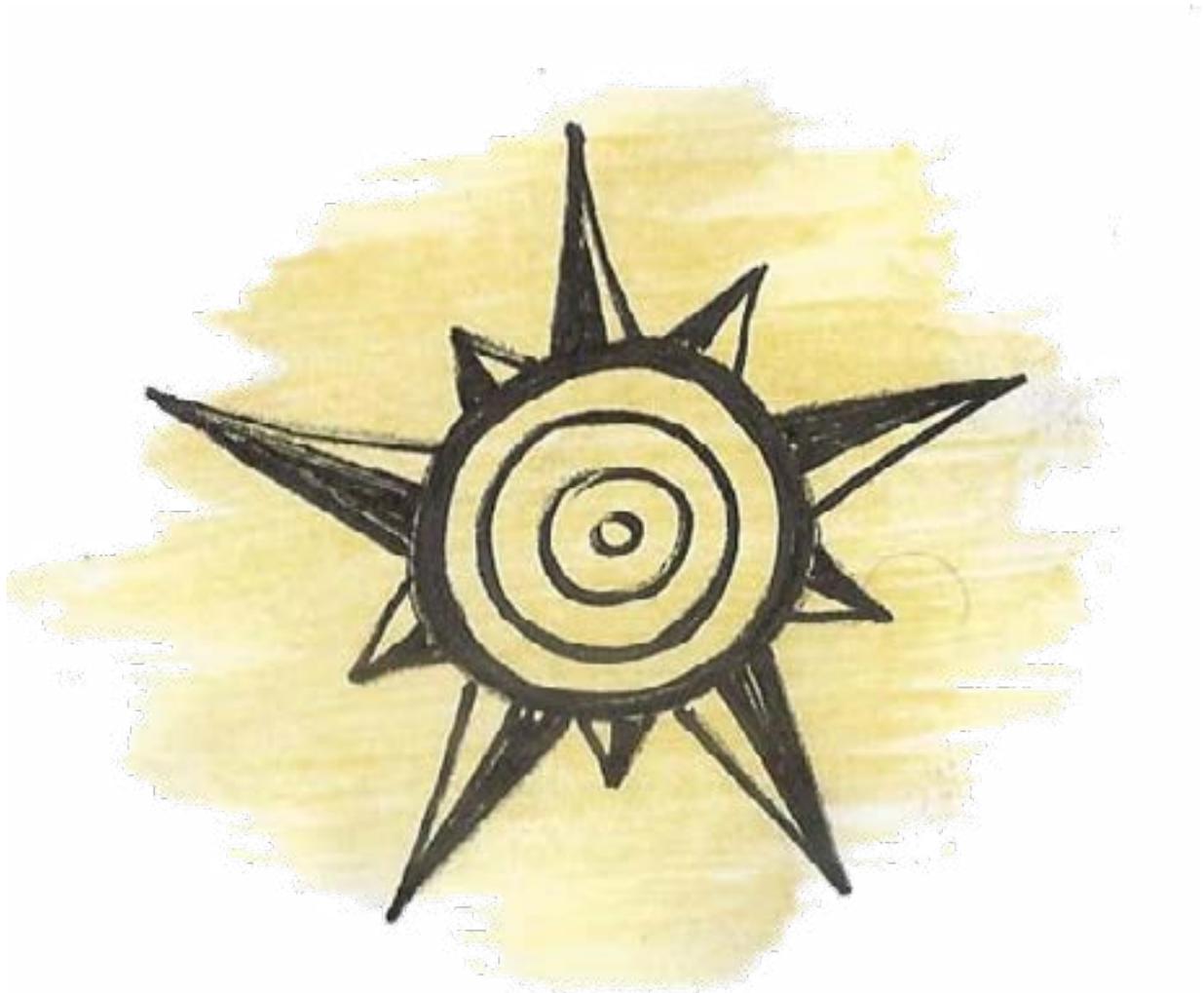
Cochrane e mercenários,
Labatut, o comandante,
vieram de bem distante
de olho nos honorários.
Soldados também são vários.
Anônimos. Fundamentais.
Sabino, Pacheco e mais.
É gente que não acaba
nem cabe dentro da taba
nem nas folhas dos jornais.

Durou tempo a colônia
no estado da Bahia.
Lugar de muita magia
onde dor causou insônia.
Aqui ganância, demônia,
ceifa vidas e acorrenta
corpos de quem enfrenta
novos tiranos do Brasil
que seguem com plano hostil:
Manter linha violenta.

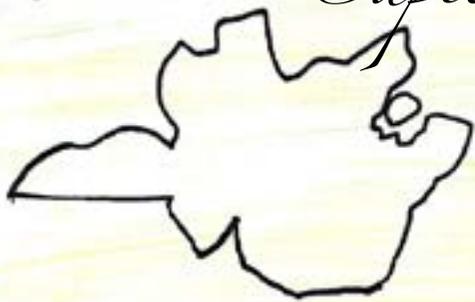
Trezentos e vinte e três
anos: tempo que demorou.
E o povo esperou
os anos, o dia, o mês
pra sonhar em ter mais vez
com a oportunidade

de sentir a liberdade
em todo solo nacional.
Desde então é oficial:
Independência é verdade.

De lá pra cá já passaram
quase dois séculos, creio.
Muita história já veio.
E por vir. E que chegaram.
Tiranos sempre teimaram
em dominar e destruir.
Mas não podemos desistir
da boa e justa luta.
Renova sua conduta
e acredite no porvir.



Capítulo 2



Cabanagem



CAPÍTULO 2

- Cabanagem –

Cabanagem foi revolta
na província do Grão-Pará
liderada por cabanos¹¹
de onde hoje é o Pará.
No século XIX
que aconteceu o fuá.

Em Belém, sua capital,
um grupo incomodado
com a miséria feroz
imposta pelo Estado
conseguiu tomar o poder
e se fez representado.

Um dos seus primeiros atos
foi expropriar armazém,
depósitos de alimentos,
dar comida a quem não tem.
Mataram autoridades
do governo de Belém.

Mas as forças imperiais,
com todo poder e guerra,
um ano depois conseguiu,
chegando por mar e terra,
destituir os cabanos
e a gestão se encerra.

Por quatro anos a luta
segue por dentro do sertão.

O povo se refugia
clamando à população
pra enfrentar o Império
e combater exploração.

Alguns fazendeiros de lá
deram apoio por um tempo
mas, depois, se distanciam
temendo o contratempo.
Até porque... Guerrear
nunca foi bom passatempo.

A repressão violenta
foi cruel até o final.
Mais de 30 mil cabanos
tiveram destino fatal.
Cerca de 20%
da população total.

Os líderes da revolta
tinham nomes curiosos
(João do Mato, Angelim.
Outros mais religiosos
(Padre Batista Campos,
Mãe da Chuva). Revoltosos

que junto com outros pobres,
índios, negros e mestiços
(Domingos Onça, Gigante
e tantos outros maciços)
lutaram por melhorias
pro povo em seus serviços.

Cabe aqui homenagem
a todos que deram vida
brigando por igualdade.

Ajudando a sofrida
nação de múltiplas cores.
Onde gente é aguerrida.



Capítulo 3



Balaiada



CAPÍTULO 3

- Balaiada -

A história nos revela
que conquistas populares
são construídas aos poucos
como ondas pelos mares.
O desfecho das batalhas,
com vitórias militares,

é somente o início.
Preliminar do futuro.
É por isso que agora
em cordel me aventuro
falar caso no Maranhão
(nunca em cima do muro).

Sob comando português,
graças à colonização,
dedicou-se ao açúcar
e toda sua produção.
O que não deu muito certo
pelo solo da região.

Arenoso, pouco fértil,
não servia para cana.
Tentou-se algodão, cacau,
cravo, arroz e banana.
E nem com a pecuária
prosperidade emana.

Mão de obra africana
com gente escravizada



vai chegando ao Maranhão
(e ficando aquilombada).
Muitas fugas vão acontecer
nessa terra tão sagrada.

Eis que surge Balaiada.
Uma revolta popular.
Com vaqueiros, quilombolas
e sertanejos a lutar
contra toda exploração
e a elite do lugar.

No século XIX
foi que tudo aconteceu.
No final dos anos trinta.
Por três anos ocorreu
o conflito que eu narro
para conhecimento seu.

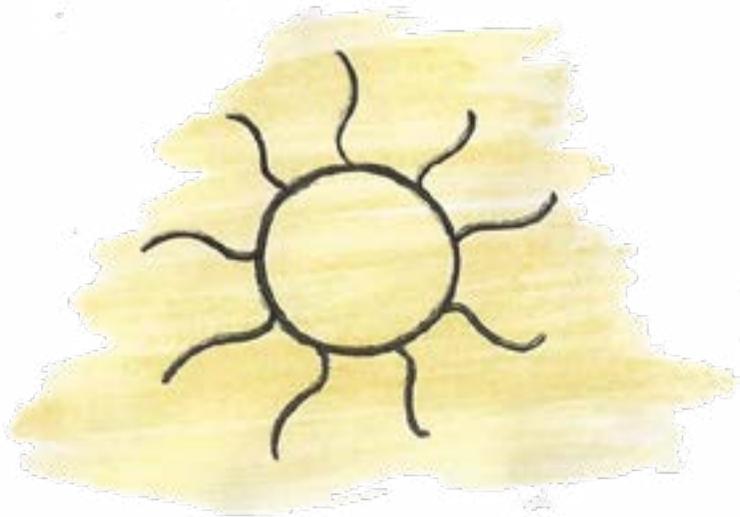
As muitas reviravoltas
no cenário político
(além da economia
em um estado crítico)
fez o Maranhão mergulhar
num momento atípico.

A Balaiada misturou
interesses variados:
dos escravos, dos vaqueiros,
de outros grupos armados
(ricos latifundiários
e também seus empregados).

Todos queriam melhoras.
Por isso que se uniram.
Mas o descontentamento

maior que o reuniram
foi o recrutamento
obrigatório e inqueriram:

Por quê aceitar abuso
da elite e do Império?
Ver os nossos para guerra
voltarem pro cemitério?
Nossas lutas são só nossas!
As deles... Um império.



Os revoltosos tomaram
a cidade de Caxias
(segunda maior do estado)
e governaram por dias.
Mais de um ano se passou
com muitas benfeitorias.

No entanto o Império
combateu os revoltosos.
Os “mandados do governo”
saíram vitoriosos.
Transformaram-se em heróis.
Militares orgulhosos.

A história vai ocultar
por muito tempo o fato
de que o povo tem poder
pra chegar ao estrelato.
Lutando por igualdade,
justiça e melhor trato.

Meu cordel fará a ponte
pra mostrar que só com luta
o povo terá melhora
e justiça na labuta.

Pras conquistas nos chegarem
depende dessa conduta.

Não tema olhar o passado
nem enfrentar o futuro.
No hoje de cada hoje
é que derrubamos muro.
As portas que Deus nos abre
são portas que, asseguro,

Unirão todos os povos.
Brasileiros, africanos,
Asiáticos, europeus,
Nativos americanos...
Todos, sem distinção,
Olharão livres os anos.



Capítulo 4



Canudos



CAPÍTULO 4

- Canudos -

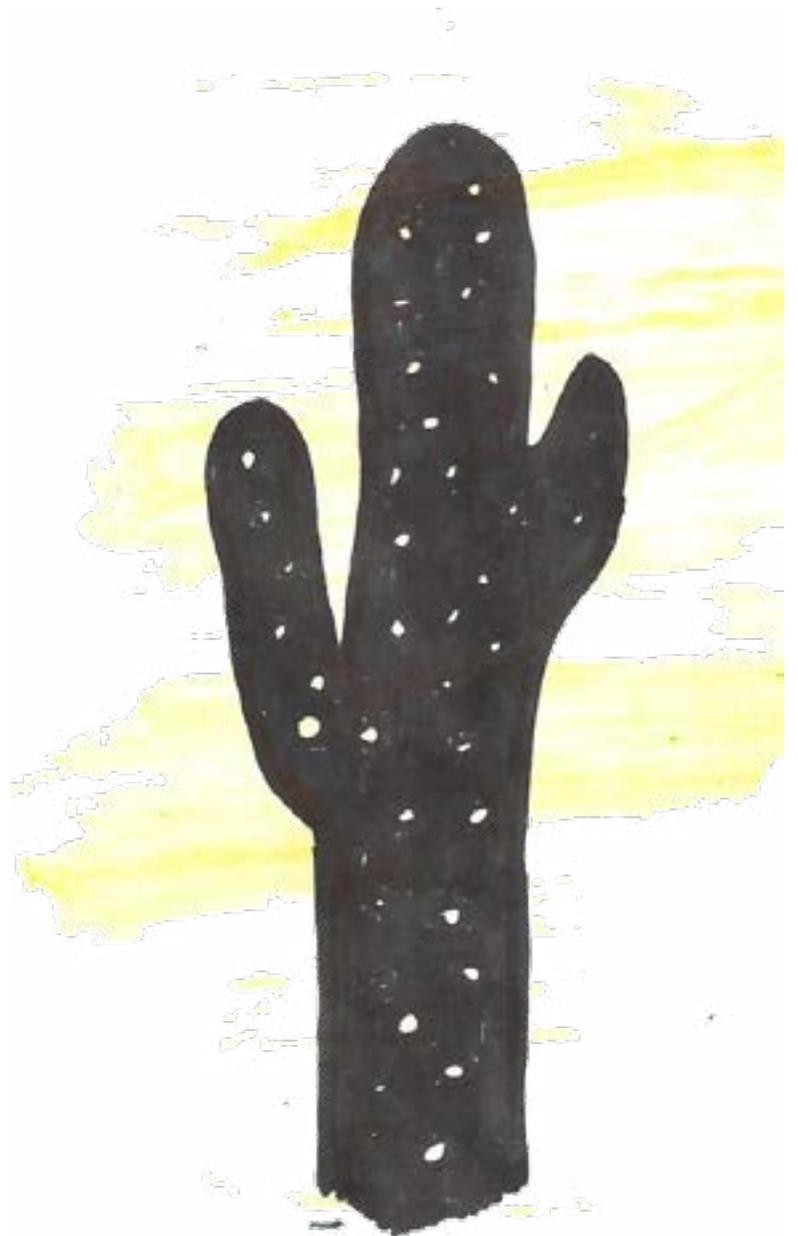
Imagine se um homem
com a pele bronzeada,
aparecesse pregando
sobre palavra sagrada.
Contrariando igreja,
governo, força armada...

Assim fez o Conselheiro,
líder forte e valente.
Messias dos sertanejos.
Nome: Antônio Vicente.
Período: da república.
Tempo de crise crescente.

Seu braço direito era
Pajeú, negro liberto.
Excelente comandante.
Estrategista esperto.
Destemido corajoso.
Sempre estava por perto.

No século dezenove,
final dos anos setenta,
peregrinos do sertão
ouviam de forma atenta
palavras do Conselheiro.
Dessas que no alenta.

Ele falava do começo
para uma nova era.



Criticava a igreja
que ao dízimo venera.
Fez a reforma agrária.
Tinha palavra sincera.

Era seguido por muitos
fiéis que acreditavam
nas palavras do beato
e que com ele aguardavam
melhoras do novo tempo.
Atrás dele caminhavam.

Eram escravos fugidos
e trabalhadores rurais
que seguiam conselheiro
pelos sertões e espinhais
a quantidade de gente
era gigante por demais.

Faltando sete anos
para 1900
o Antônio Conselheiro
com os seus conhecimentos
encontrou uma fazenda
abandonada aos ventos.

Lá formou o Belo Monte
(de Canudos o arraial).
Chegou a ter pra mais de
20 mil pessoas no local.
Era mesmo tanta gente.
Parecia a capital.

Criou-se ali no lugar
um povoado unido.
A terra era de todos.

Um local desenvolvido.
Protegido por Pajeú
e por Antônio benzido.

Tudo era coletivo:
o trabalho, a produção.
Num contexto perigoso
de injustiça, opressão,
Canudos era oásis
pro povo ali do sertão.

Às margens do “Vasa-Barris”,
rio gostoso para beber,
Belo Monte (ou Canudos)
foi paraíso de viver.
É pena que ganância
costuma ter força e poder.

Fazendeiros baianos
e políticos do local
temiam o crescimento
de Canudos, o Arraial:
“Eles não pagam os impostos
nem temem Deus - o maioral”.

Eram chamados de loucos,
fanáticos, monarquistas...
Se fosse hoje seriam
comunistas, terroristas...
“Gente que não era de bem”.
Tal artistas e cordelistas.

A destruição de Canudos
é triste de se contar.
Mostra total covardia
do governo que quer matar

qualquer um que não aceite
o mal de quem quer nos mandar.

Com o clero e os ricos
apoiando a matança
a tropa da república
veio com a ordenança.
Disposição para matar
mulher, velho e criança.

Antes, outras muitas tropas
dos coronéis baianos
e políticos locais
(uns até pernambucanos)
tentaram, sem ter sucesso,
vencer ao longo dos anos.

Mas a mando de Pajeú,
com tática guerrilheira,
muitos soldados morreram.
Ficaram a ver poeira.
Mesmo as tropas do Brasil
também tomaram carreira.

Canudos permanecia
firme, forte e valente.
Seu povo era alegre,
muito feliz, sorridente.
Viviam livres. Unidos.
Sempre coletivamente.

Mas eis que chega o tempo
do desfecho de Canudos.
Uma tropa com muita gente
(uns sete mil carrancudos)
trouxeram “a matadeira”

(canhão que rompe escudos).

Canudos não se rendeu.
Exemplo para história.
Resistiu até tombar
no fim sua trajetória.
Foram cinco anos ali
que ficarão na memória.

No dia cinco do mês dez
os últimos defensores
caíram sem ter depois
extirpando nossas dores.
Um velho e um menino
com dois homens lutadores.

Ano 97
do século XIX.
Falar sobre esse fato
realmente me comove.
Espero com esse cordel
que o povo se renove

na importância de sonhar,
de lutar e organizar.
Canudos foi um exemplo
de governo e de lugar.
A terra era de todos
para plantar e semear.

Todos colhiam os frutos
sem falar na liberdade
de poder viver para si
sem ordens e à vontade.
Pena que gananciosos
tem inveja e vaidade.

Belo monte destruído?
Só o tempo irá dizer.
Se depender deste autor
nunca que vai acontecer.
Enquanto nós nos lembrarmos
Canudos vai sempre viver.



Capítulo 5

Revolta da Chibata



CAPÍTULO 5

- Revolta da Chibata –

Não terei a competência
total para aqui narrar
a Revolta da Chibata
sem nessa missão não falhar.
A história é grandiosa
do quilombo em alto mar.

De 1910
é fato bem conhecido
revolta dos marinheiros
que resultou alarido.
Tomaram três bons navios
da frota do país querido.

O Brasil era gerido
por presidente Marechal.
Era Hermes da Fonseca,
no período, o maioral.
Eleito sendo militar
(erro sempre muito fatal).

O motivo da revolta:
maus tratos e chicotadas.
A marinha brasileira,
de visões colonizadas,
tratava como escravos
os marujos nas armadas.

O líder, João Cândido,
convenceu a tripulação

que eles não eram escravos
e sim a base da nação.
Isso vinte e dois anos
de assinada a abolição.

Lutaram com oficiais
da patente superior.
Venceram e conquistaram
três navios com louvor
e apontaram os canhões
pra capital. Foi um terror.

Imagine aí agora
a melhor arma de guerra
apontada pro presidente,
líder maior desta terra
por negros marinheiros
castigados por quem erra.

Foi um acontecimento
revolucionário demais.
Foi notícia em diversos
periódicos e jornais.
Foi um dos mais comentados
assuntos internacionais.

O marujo Marcelino
foi por demais castigado
pelo comandante do navio
sendo chicoteado.
Seus colegas tripulantes
o viam injustiçado.

Sendo assim reuniram
todos do comitê geral.
Decidiram pelo motim

(para pânico nacional).
Os marinheiros tomaram
conta da frota naval.

Mataram os oficiais
que tinham alta patente.
Passaram a ter controle
com enorme contingente
e mandaram a mensagem
pra chegar no presidente.

“Queremos a abolição
da chibata e maus tratos.
O perdão para conosco
e assim seremos gratos.
Queremos o respeito e
que sejam menos ingratos”

O presidente aceitou
e o acordo assinou.
Disse que iriar cumprir
o que prometeu e falou.
Jurou ser homem honrado.
João nele acreditou.

Enganados, os marujos
cancelaram o ataque.
Acabaram sendo presos
e sofrendo todo baque.
João Cândido, o líder,
foi quem teve mais destaque.

Das promessas do governo
nem uma só foi cumprida.
Revoltosos foram mortos.
Outros presos toda vida.

Uns expulsos da marinha
sem achar outra guarida.

Nosso herói popular
João Cândido, um guerreiro,
foi perseguido até morrer
no solo brasileiro.
Mesmo sendo inocente
o honrado marinheiro.

Mas os livros de história
seguirão contando fatos.
Numas vezes camuflados
(ocultando uns relatos).
Mas nos cordéis que escrevo
coloco em limpos pratos.

Uma vez meu pai me disse:
“Brasileiro se esquece
amanhã do que fez hoje.
Não tem reza nem tem prece.
Todo mundo tem apenas
o resultado que merece”.

Investigo e descubro
Lutas que nos alimentem.
Há exemplos de revoltas.
É importante que tentem
União e igualdade:
Sonhadores me entendem.



– CONSIDERAÇÕES FINAIS –

HISTÓRIAS DO SÉCULO XXI

Sou do século passado.
Ano: oitenta e quatro.
Desde 2002 vivo
as emoções do teatro.
No cordel abordo temas
que gosto e idolatro.

Escrevi umas fábulas.
Também fiz filosofia.
Até de auto ajuda
já produzi poesia.
Mas falar dessas revoltas
me enche de alegria.

Após os textos de cordel
deixo minhas referências
para quem quiser pesquisar,
investigar incidências,
da luta do nosso povo
em suas reminiscências.

Nasci no século XX.
No XXI eu vivo.
Quero chegar no próximo
século também ativo.
Dando aos filhos e filhas
todo o meu incentivo.

Amo olhar o passado
Vendo coisas que ninguém vê

Vejo lá atrás o futuro.
Vejo tudo. Meu plano B.
Hoje o mundo precisa
Menos armas mais ABC.

No Século XXI
revoltas seguem em curso.
O povo persiste na luta
como fera, onça, urso.
Elegemos presidentes
e vida segue percurso.

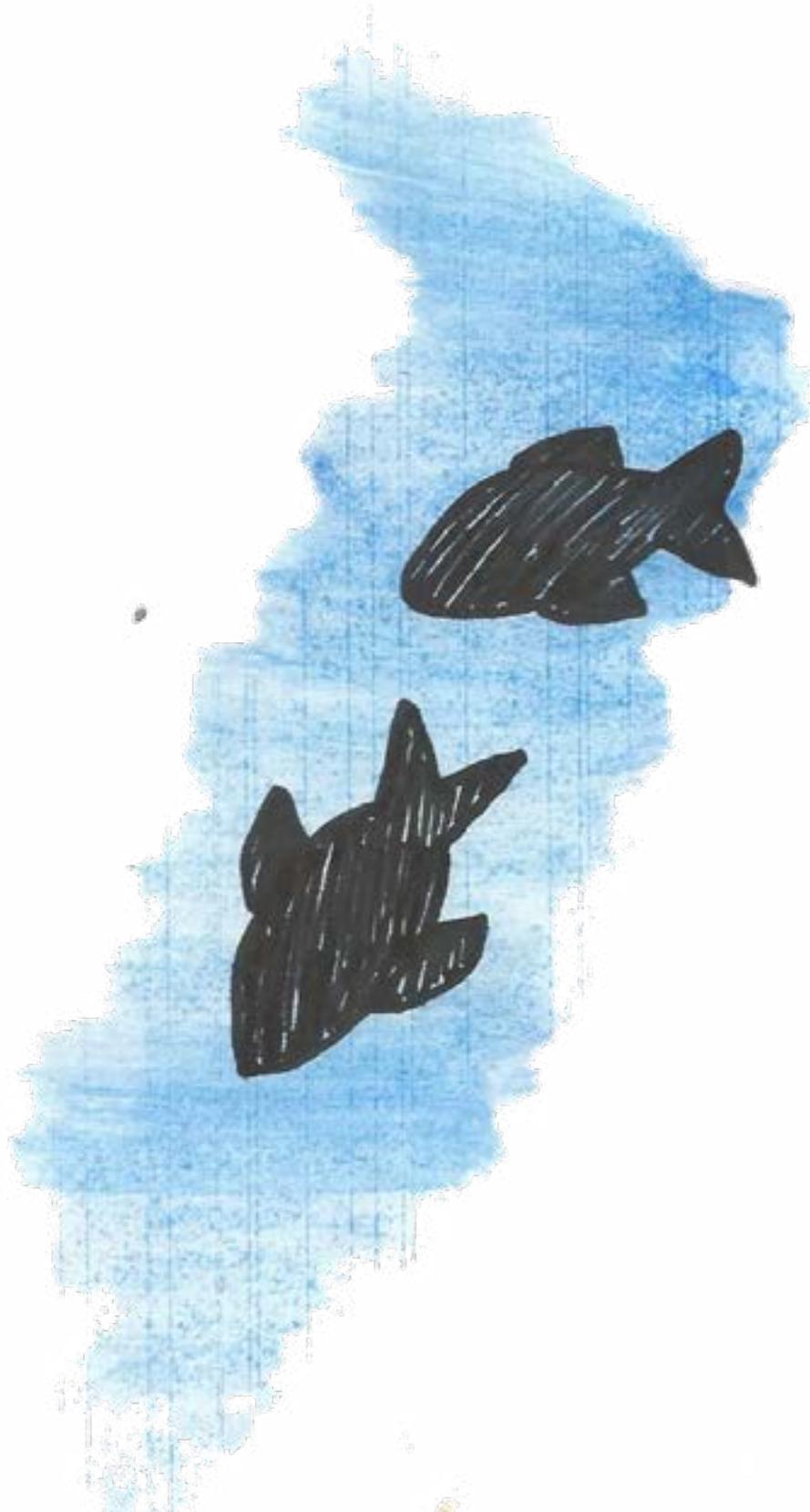
As batalhas populares
são lutas de cada dia.
O poder segue ferindo,
mantendo hipocrisia
e matando as pessoas
que vem da periferia.

Somos a borda do mundo.
Eu, oceano atlântico.
Ilhéus é onde eu moro
e construo meu cântico.
Zona norte, meu abraço.
Local sempre romântico.

Espero sinceramente
que você tenha gostado.
Investigue e estude
as lutas lá do passado.
Somos o ontem futuro.
O hoje é ofertado.

Um período não tarda
Brasil há de ser bem melhor.
Uma nação solidária.

Não racismo ou coisa pior.
Todas nossas histórias
Unirão por um bem maior.



- Notas -

1. Gilton Thomaz – Cordelista ilheense.
2. Azulão Baiano – Repentista (em Memória).
3. Cordel inspirado no conflito entre nativos tupiniquins e portugueses no ano de 1559.
4. Angola Janga é como, acredita-se, os próprios aquilombados chamavam o território da Serra da Barriga. (Significa Pequena Angola).
5. Rainha Nzinga Mbandi, de Angola. Batizada com o nome cristão de Ana de Sousa, foi rainha guerreira de destaque na primeira metade do século XVII. Há quem defenda que as técnicas de combate em Palmares eram semelhantes às utilizadas pelos exércitos da rainha.
6. Mariele Franco. Vereadora carioca assassinada em 2018 por milicianos ligados à políticos corruptos. Grande defensora dos moradores de comunidades carentes no Rio de Janeiro. Denunciava o genocídio do povo negro no Brasil.
7. Cordel inspirado nos feitos ocorridos no final do século XVIII no Engenho do Rio de Santana (Ilhéus-BA).
8. Cordel inspirado na história do Oitizeiro – Quilombo situado nas imediações da vila de São José da Barra do Rio de Contas (hoje Itacaré), fundada em 1732.
9. Cordel inspirado na luta popular chamada Revolta dos Alfaiates ou Conjuração Baiana.
10. 1798 – Ano da revolta (25 anos antes da independência da Bahia).
11. “(...) homens e mulheres pobres, negros, índios e mestiços que trabalhavam na extração de produtos da floresta e viviam em casas semelhantes a cabanas, à beira dos rios”. (COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e Geral. 6ª ed. reform. São Paulo. Saraiva. 2002. p. 379)

FONTES DE PESQUISA

CALDEIRA, Jorge. História da riqueza no Brasil. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017

CALDEIRA, Jorge. Nem céu nem inferno: ensaios para uma visão renovada da história do Brasil. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e Geral – volume único. 6.ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2002.

GENNARI, Emílio. Em busca da liberdade: traços das lutas escravas no Brasil. 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MORISSAWA, Mitsue. A História da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

VINHÁES, José Carlos. São Jorge dos Ilhéus: da capitania ao fim do século XX. Ilhéus: Editus, 2001.

SOBRE A EDITORA

O Teatro Popular de Ilhéus fundou a sua Editora em 2011 e seu título de lançamento foi a publicação de livro contendo dois de seus maiores sucessos do teatro, Teodorico Majestade – as últimas horas de um prefeito e O Inspetor Geral, ambos os textos em cordel que lhe rendeu entre outras coisas, boas críticas por onde passou. Em homenagem a um dos grandes escritores da região Sul da Bahia, Sosigens Costas, batizou-se a Editora como “Modrongo”, termo utilizado pelo autor para designar a imagem dos primeiros portugueses que chegaram por esta terra. Uma espécie de visão do ponto de vista dos mitos e lendas que povoavam as terras grapiúnas. Para início das atividades foi formada uma parceria com o Editor Gustavo Felicíssimo, que colaborou bastante para os primeiros passos da editora que em apenas três anos de existência publicou mais de 30 títulos de novos autores sulbainos e nomes de grande notoriedade, como o Sosigens Costa e Jorge de Sousa Araújo. Participou de grandes eventos e feiras em diversas cidades da Bahia e do Brasil, como a XI Bienal do Livro da Bahia, apresentando 30 títulos no seu estande. Entre eles, Inúmera, de Daniela Galdino; O sangue que corre nas veias, de Rodrigo Melo e Blues para Marília, de Gustavo Felicíssimo. Entre as obras mais procuradas e elogiadas, pode se citar: A morte da amada, de Nívia Maria Vasconcelos e Do coração dos malditos, de Silvério Duque.

Mas em 2015 essa parceria chegou ao fim, com o editor e o TPI seguindo caminhos diferentes. Foi criado então um novo selo editorial e a editora passou denominar-se simplesmente: Teatro Popular de Ilhéus Editora.

Nos últimos 5 anos já foram publicados mais de 20 livros, sempre com o objetivo primordial de assessorar os autores, principalmente os iniciantes e de pouca notoriedade, na publicação de seus livros, fornecendo equipe para edição, diagramação e impressão.

Entre os títulos publicados destacam-se:

- Lendas da Lagoa Encantada, de Romualdo Lisboa;
- 1789: ópera afrorock sobre a revolta dos escravos do Engenho de Santana, de Romualdo Lisboa;
- Histórias de Teatro e Por do Sol, de Aliomar J. Pereira;
- A Resistência do Clown na Dramaturgia, de Ed Paixão;
- O Povoado das Onze Mil Virgens, de Pawlo Cidade;
- Corpos sem luto, de Ileana Dieguez, dentre outros.

SOBRE A ILUSTRADORA

Formada em arquitetura e urbanismo, é também atriz, diretora, musicista, cenógrafa, cantora e compositora. Possui pós-graduação em Gestão Cultural. Com formação técnica em piano desde 2006, seguiu com a música desde então, dando aulas de piano e tocando. Tocou em bandas como Didá e Universo Groove Cênico. Cantou nas bandas Universo Groove Cênico e Verbo e Juízo e hoje segue carreira musical independente.

Ingressou na companhia A RODA, de teatro de bonecos, como atriz manipuladora em 2012, onde permaneceu até 2017. Com a companhia, apresentou os espetáculos “O Pássaro do Sol”, “O Combate” e “Luiz e a Liberdade”. Participou ainda do Palco Giratório, do SESC em 2015.

Com cursos diversos de cenografia, iluminação e gravação e mixagem de som, também realizou algumas atividades na área técnica. Trabalhou no Teatro Castro Alves como REDA em 2014 e parte de 2015, na função de administradora de palco.

Produziu e ministrou a oficina de teatro de sombras para mulheres intitulada “Mulheres na Luz” através do edital Cultura Livre em 2018, em Ilhéus. Dirigiu, montou e apresentou histórias curtas contadas numa caixa de teatro de sombras, em Ilhéus em 2018, de forma independente. Dirigiu, montou e apresentou o espetáculo “La Loba” em Ilhéus, em 2019, de forma independente, com participantes oriundas (em sua maioria) da oficina “Mulheres na Luz”. Em 2019 e 2020, montou e apresentou o espetáculo “Na sombra da poesia”, para crianças e adultos em Ilhéus. Em 2020 ainda ilustrou o livro infantil “O trenzinho”, da autora Leila de Oliveira.

SOBRE O AUTOR

Pedro de Albuquerque Oliveira é ator, jornalista e professor. Autor do livro “Teatro Popular de Ilhéus – 25 anos” (desta mesma editora). Dedicou-se à literatura de cordel, por incentivo de Gilton Thomaz e Azulão Baiano, desde 2007. Atualmente é professor de História do Teatro na UESB (Universidade Estadual do Sudoeste Baiano).

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

